



**Encontro da Sociedade
Brasileira de Economia
Ecológica**

Brasília, 4 a 8 de Outubro de 2011

Políticas Públicas e a Perspectiva da Economia Ecológica

IX ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO
Outubro de 2011
Brasília - DF - Brasil

ARTICULANDO GÊNERO, PESCA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PRODUÇÃO E ARTICULAÇÃO DAS PESCADORAS DE PERNAMBUCO

Dimas Brasileiro Veras (IFPB) - dimasveras@gmail.com

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE). Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq/UFRPE Desenvolvimento e Sociedade e da Cátedra Paulo Freire.

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão (UFRPE) - rosarioufrpe@yahoo.com.br

Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutora em Estudos Iberoamericanos pela Universidad Complutense de Madrid. Lider do Grupo de Pesquisa CNPq/UFRPE – Desenvolvimento e Sociedade.

Phelippo de Oliveira Cordeiro Vanderlei (UFRPE) - pipo_biologia@hotmail.com

Licenciado em biologia e pós graduando em Ciências Ambientais - FUNESO

1. Título: Articulando gênero, pesca e educação ambiental: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco

2. Eixo temático:

Seção: F) Temas conceituais: relações entre economia ecológica, sociedade, natureza, conhecimento, poder, instituições e direito.

Subseção: A) Sustentabilidade dos Biomas Brasileiros e as Políticas Públicas

3. Resumo

O presente artigo analisa o impacto das ações de educação ambiental desenvolvidas em conjunto pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e pela Articulação das Mulheres Pescadoras do Estado de Pernambuco através do projeto de extensão *Gênero, raça e pesca: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco* (UFRPE/MDA). Ao tecer uma *descrição densa* destas ações, buscou-se apreender quais são as *práticas* e as *representações* através das quais as pescadoras artesanais pernambucanas conjugam os problemas ambientais do mundo da pesca, bem como se *apropriam* das problemáticas propostas pela práxis extensiva integrada as comunidades de pescadoras/es pernambucanas/os.

Abstract

This article analyzes the impact of environmental education programs developed jointly by the Universidade Federal Rural de Pernambuco and the Articulation of Fisherwomen of Pernambuco through the extension project *Gênero, raça e pesca: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco* (UFRPE/MDA). When weaving a *thick description* of these actions, we aimed to learn what are the *practices* and *representations* through each artisanal fisher and fisherwomen of Pernambuco combine the environmental problems of the fishing world, and take appropriation of the issues proposed by the extensive practice integrated fishing communities in Pernambuco.

4. Palavras-chave

Educação ambiental; sustentabilidade; gênero; raça; pesca;

5. Introdução

O projeto *Gênero, raça e pesca* (UFRPE/MDA), sob a coordenação da professora doutora Maria do Rosário (UFRPE), data do ano de 2010-2011. Amparado nos instrumentos das metodologias participativas (BROSE, 2010) e no aporte teórico que aborda a divisão sexual do trabalho - sobretudo no universo da pesca artesanal (Hirata, 2007)¹ – o presente projeto têm executado ações afirmativas direcionadas ao fomento da cidadania, à consolidação das redes de ajuda mútua formada pelas pescadoras, à preservação ambiental e à geração de renda. Neste sentido foram realizados eventos de sensibilização e de socialização, ambos, comportando capacitações, oficinas, debates e diagnósticos participativos, tendo como participante as lideranças das mulheres pescadoras (Articulação das Mulheres Pescadoras de Pernambuco) e as pescadoras associadas ou não a colônias pernambucanas. No conjunto as atividades comportaram os seguintes temas: políticas públicas para as mulheres; organização e produtividade; **educação ambiental e sustentabilidade da vida humana** e economia solidária.

O presente artigo tem como objetivo analisar os resultados obtidos nas ações voltadas para a educação ambiental e para sustentabilidade da vida humana. Ao descrever densamente as ações positivas vinculadas ao projeto em questão pretende-se circunscrever aquelas situações específicas nas quais as pescadoras expressam os significados que atribuem aos problemas ambientais no mundo da pesca. Esta proposta de reflexão ao mesmo tempo em que pretende traçar um diagnóstico rápido dos problemas ambientais vivenciados pelas mulheres pescadoras e suas respectivas colônias, também busca sublinhar as formas de expressão através das quais se apropriam e conjugam a preservação do meio

¹ Hirata (2007:01) situa a gênese do conceito e suas filiações disciplinares “Embora a divisão sexual do trabalho tenha sido objeto de trabalhos precursores em diversos países, foi na França, no início dos anos 1970, sob o impulso do movimento feminista, que surgiu uma onda de trabalhos que rapidamente assentariam as bases teóricas desse conceito. Primeiro na Etnologia (Mathieu, 1991; Tabet, 1998), depois na Sociologia e na História”.

ambiente no mundo da pesca, bem como as novas formas de expressão que deram ao problema ao longo das ações extensivas.

6. Metodologia e informações utilizadas

A fundamentação metodológica do presente trabalho esta fincada na proposta de *descrição de densa* de Clifford Geertz (1978). A antropologia interpretativa proposta pelo autor esta assentada na análise do conjunto de práticas e relações sociais mediante as quais o corpo social e suas instituições conjugam o real e produzem sentido. A totalidade que compõem o conjunto das práticas e relações sociais foi seccionada em três categorias propostas pelo historiador Roger Chartier (2002): *prática, representação e apropriação*². Por práticas se entende os gestos mediante os quais homens e mulheres conjugam o real em sua materialidade. No presente trabalho as práticas serão consideradas a partir da descrição do conjunto de ações-discursos das pescadoras no curso dos projetos analisados. O conceito de representação diz das formas mediante as quais estes gestos adquirem ou remetem a significados culturais coletivos. A representação emerge como a ponta do iceberg da descrição densa das práticas e dos discursos das pescadoras, justamente aqueles valores e significados que as pescadoras atribuem coletivamente ao cotidiano da pesca artesanal e sua relação com o meio ambiente e a sustentabilidade da vida humana. Por fim, a categoria conceitual de *apropriação* apreende os fragmentos de uma totalidade através da qual as práticas e as representações se replicam e se interpenetram fazendo de toda representação um regime simbólico misto. As contribuições das ações positivas de educação ambiental e sustentabilidade da vida humana serão avaliadas a partir das competências adquiridas e sua interpenetração com os saberes prévios que pescadoras possuíam sobre os dois temas em questão. As contribuições teóricas e metodológicas para abordagem do universo da pesca artesanal foram extraídas das análises e das experiências publicadas por LEITÃO (2008, 2009, 2010), RIAL (2010) e MANESCKY (2002 e 2008), as três autoras destacam que o tema gênero, raça e o trabalho da pesca ainda é pouco explorado no mundo acadêmico,

² Categorias que o historiador francês elabora a partir das leituras de Nobeit Elias, Pierre Bourdieu e do próprio Geertz, bem como dos cânones da historiografia francesa: Marc Bloch e Lucien Febvre.

consistem numa problemática instigante porque o mundo da pesca ainda é considerado um universo masculino, pese a participação das mulheres em diferentes atividades desta cadeia produtiva. A visibilidade destas mulheres está diretamente relacionada à divisão sexual do trabalho e está aprisionada ao universo doméstico, é explícita a dominação em casa ou na rua, seja nas relações familiares, com as Colônias, com outras instituições sociais.

As reflexões relacionadas ao meio ambiente estão apoiadas no trabalho de Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay: *Gênero e meio ambiente* (2005). Neste trabalho as autoras procuram mapear, registrar, identificar e sistematizar as experiências de organizações não-governamentais e governamentais direcionadas as problemáticas de gênero e meio ambiente. As experiências analisadas pelas autoras serão utilizadas como contraponto para análise das ações extensivas construídas participativamente pela Universidade com a *Articulação das mulheres Pescadoras de Pernambuco*.

Os dados aqui analisados foram coletados nos relatórios produzidos pela equipe técnica³ dos projetos *Gênero, raça e pesca: produção e articulação das pescadoras de Pernambuco* (UFRPE/MDA). A experiência dos autores(as) junto as pescadoras também foram considerada na elaboração do presente artigo.

7. Resultados finais ou parciais

A Articulação das mulheres pescadoras de Pernambuco foi criada em 2004, durante a Conferência Nacional das Trabalhadoras da Pesca em Brasília. Hoje a articulação conta com seis coordenadoras – Josefa Ferreira da Silva (53 anos/ Colônia Z-08 – Cabo de Santo Agostinho), Maria das Neves dos Santos (52 anos/ Colônia Z-18 – Lagoa do Carro), Joana Rodrigues Mousinho (54 anos/Colônia Z-10 – Itapissuma), Lindomar Rodrigues de Barros (52

³ Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão – UFRPE, Claudia Maria de Lima Socióloga, Iêda Litwak de Andrade Cézar Economista Doméstica, Ivan Pereira Leitão Professor Universidade de Pernambuco, Júlia Xavier Souto (Graduanda em Economia Doméstica, pela UFRPE), Juliana Andrade Leitão Fotógrafa/Jornalista/ Mestre POSMEX, Maria Solange da Silva Socióloga e Rejane Maria de Lima Graduanda, Dimas Brasileiro – Mestre em História. Clodoaldo de Souza Cavalcante Neto – Cientista Social, Fernando Antônio Duarte Barros Júnior – Mestre em Antropologia, Francisco Assis de Andrade Costa – Engenheiro Agrônomo, Pedro Henrique Dias Inácio – Mestre em História, Phelippo de Oliveira Cordeiro Vanderlei – Biólogo.

anos/Colônia Z-09 – São José da Coroa Grande), Cícera Estevão Batista (33 anos/Colônia Z-07 – Rio Formoso) e Iolanda Nunes (Colônia Z-13 – Jatobá) - e ainda não possui registro oficial com CNPJ. Entretanto, a não existência jurídica ao longo de quase uma década pouco impediu que a Articulação se expandisse e executasse ações variadas em defesa da pesca artesanal e dos direitos das mulheres pescadoras.

Um dado importante para iniciar a presente reflexão é que, embora, ao longo dos eventos de extensão tenha sido registrado que a *promoção da consciência ambiental* estava entre as pautas de mobilização que permearam a criação da Articulação em 2004, o problema do meio ambiente é agenciado coletivamente pelas pescadoras como um problema particular de algumas colônias e não como um desafio a ser enfrentado pela sociedade e, sobretudo, pelos/as pescadores/as artesanais.

Ademais, ao consultar os relatórios dos projetos e as transcrições das falas das pescadoras articuladoras, percebe-se que a expressão *promoção da consciência ambiental* destoa do conjunto léxico do grupo. A diferença pode ser tomada como um indício de que a representação de educação ambiental se consolidou como problema efetivo da categoria (tal qual questões referentes as política públicas para mulheres pescadoras), em oposição ao problema minoritário de algumas colônias, no decorrer dos eventos de sensibilização e de capacitação e não por ocasião do início das atividades de extensão em parceria com a universidade.

A apropriação da educação ambiental ao longo dos projetos não significa que desconhecemos ou deixassem de debater temas referentes ao meio ambiente anteriormente. A definição mais apropriada de como se relacionavam com a problemática apontaria para uma representação secundária que inicialmente não aponta incisivamente para a urgência de ações organizadas que impeçam a devastação ambiental e o conseqüente desaparecimento da pesca artesanal (conforme relatório publicado este ano de 2011 pela ONU). Problemas como a pobreza, a fome, as questões trabalhistas e a saúde laboral tenderam a se impor no cotidiano de reivindicação das mulheres pescadoras por suas implicações

imediatas na vida das pescadoras. No entanto, a partir do momento em que as oficinas participativas de educação ambiental permitiram produzir saberes e competências a partir das quais todas aquelas questões aparecem amarradas a pauta de reivindicação maior das pescadoras, a defesa do meio ambiente ganhou um novo significado no seio da *Articulação das mulheres pescadoras de Pernambuco*.

Aliás, as pescadoras quando indagadas sobre sua identidade de grupo tenderam a afirmar sua dimensão regional comunitária sem com isto desvinculá-la da pauta de reivindicação nacional da classe. Sobre os objetivos e as metas do grupo destacaram:

1. A luta pela equidade de gênero no mundo da pesca (“Especificar eventos e espaços de defesa dos direitos das mulheres pescadoras [...] As reuniões das mulheres só acontecem com apoio da CPP”; “Os presidentes de colônias não informam as mulheres e dizem: *pra que se reunir?*”; “União das mulheres pescadoras de forma organizada”);
2. A promoção da cidadania e direitos/deveres próprios a pesca artesanal (“organizar projetos que gerem sustentabilidade”; “discutir direitos e deveres da mulher pescadora; repassar informações”; “as colônias mais próximas se reúnem para resolver os problemas”);
3. A reivindicação por uma ação política suprapartidária das colônias e demais associações de classe (“Conquista de espaços de poder; visibilidade da das pescadoras; não deixar que os políticos tomem o poder geral sobre a colônia”);
4. O acesso a programas, projetos e recursos destinados a categoria (“Romper a falta de comunicação e recurso”; “acessar recurso para desenvolvimento da articulação”);
5. A defesa do meio ambiente (“promover a consciência ambiental”); (idem, p. 8-9)

Convidadas a falar sobre a relação entre a cidadania e a pesca artesanal surgem novos indícios das representações que conjugavam do meio ambiente, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Nome da pescadora	Qual a ligação entre cidadania e pesca artesanal feminina?
Cícera	Sem cidadania não temos educação, saúde da mulher (os médicos não querem reconhecer as

	doenças da mulher como doença do trabalho)
Enilde	Cidadania ligada a questão de gênero, classe, raça, desenvolvimento sustentável
Lindomar	Respeito às pessoas
Lúcia	Moradia, creche
Vera	Direitos previdenciários (auxílio maternidade, gravidez de risco)
Aparecida	Consciência de seus direitos
Maria José	Cidadania está ligada a saneamento básico, construção de políticas públicas
Joana	Ambiente de trabalho sadio, educação ambiental
Natércia	Respeito e educação ambiental
Rosete	Saneamento básico e saúde pública

(Relatório do evento *Capacitação de lideranças da articulação das pescadoras de Pernambuco*, 2010, p. 13)

As articuladoras Maria José, Joana Mousinho, Natércia Mignac e Rosete citaram diretamente ou indiretamente problemas ambientais quando provocadas a falar sobre a cidadania e a pesca artesanal. As abundantes indústrias do litoral norte de Pernambuco e a crescente contaminação do canal de Santa Cruz e seus afluentes haviam ensinado a Joana Mousinho e suas colaboradoras os perigos que a devastação ambiental oferecia a pesca artesanal. Como presidenta da colônia Z-10 de Itapissuma, Joana e sua colaboradora Maria José carregavam na bagagem longos anos de luta contra os devastadores, mobilização esta que remetia a chegada da Irmã Nilza no final dos anos 1970 e a eleição da primeira presidenta de colônia da região Margarida Mousinho.

Embora, Natércia e Rosete não tivessem participado de nenhuma grande mobilização contra os devastadores ou moradores e banhistas que fazem da Praia do Pina uma das mais poluídas do litoral sul pernambucano, a participação em mobilizações locais e em dois projetos de extensão (um já finalizado e o outro em execução) reforçaram seus saberes prévios sobre a necessidade de um ambiente sadio para o exercício pleno da cidadania e da pesca artesanal.

Temos então duas similitudes: saberes prévios e ação extensiva. Atualmente a comunidade de Brasília Teimosa, comporta o projeto *Coleta e Reciclagem* cujas ações estão relacionadas à preservação do meio ambiente e à promoção da cidadania pela geração de renda. A colônia Z-10 tem coordenado a execução do *Projeto de Sensibilização do projeto: Gênero e Desenvolvimento Local Sustentável, o Trabalho das Pescadoras de Itapissuma* (MPA), também sob a coordenação da professora doutora Maria do Rosário.

Em Itapissuma encontramos a constante ameaça oferecida pelas indústrias locais e pelos projetos de assoreamento do canal de Santa Cruz; em Brasília Teimosa os dejetos de uma cidade praticamente desprovida de saneamento básico e uma praia frequentada por banhistas desatentos ou desconhecedores das noções de educação ambiental. No geral as vivências históricas presente, os conflitos ambientais e as ações de extensão/pesquisa comunitária dinamizaram uma representação de educação sócio-ambiental indissociável do exercício da cidadania. Agenciamento de enunciados estes que não encontramos inicialmente na representação de educação ambiental conjugada pela Articulação como grupo.

Uma das metas estabelecidas pelo projeto desenvolvido pela Universidade com a Articulação foi a realização de quatro visitas técnicas às colônias do Sertão, do Litoral Sul, do Litoral Norte de Pernambuco e da Região Metropolitana do Recife. As visitas objetivavam aproximar as Articuladoras das respectivas colônias, beneficiando as mesmas através de oficinas, debates e outras ações positivas.

A primeira visita ou “evento itinerante” se deu em janeiro de 2011 e dirigiu-se ao Sertão de Pernambuco. Estavam previstas oficinas de Políticas

públicas para as mulheres, Educação ambiental e sustentabilidade da vida humana e Economia solidária, todas elas permeadas pelos debates com as Articuladoras. Ainda que, a oficina de Educação Ambiental apenas estivesse prevista de ser realizada em Ibimirim e Pedrinhas (distrito de Petrolina), após o primeiro dia de atividades o grupo decidiu que a mesma deveria ser realizada em todas as colônias visitadas. Por ocasião da construção de *biomapas* do município de Jatobá (colônia Z-13) a articuladora Maria das Neves compôs em parceria com as pescadoras Glorinha, Carminha e Ana Lúcia a canção *Preservando a Vida*. Segue a letra canção:

Os rios com água

Eu preciso

Seu doutor

Não privatize

Não mate os peixes

Não sobrevivo (Refrão)

Sou pescador

É preciso apelar para a consciência

Muitas coisas tão fazendo para existência

E permanência de peixes, rios e lagos

Parte do mar já foi privatizado

Lutamos contra

É violência, está errado

Lutamos contra o desenvolvimento insustentável

Que mata os peixes e privatiza os nossos lagos

E o velho Chico está sendo violado

Nós não queremos

Más ele está sendo rasgado

O que queremos é nosso rio preservado

Viva a vida e o meio ambiente!

Ao compor a canção as pescadoras se apropriaram de conceitos trabalhados na oficina - *sustentabilidade, consciência ambiental e preservação do meio ambiente* – enunciando uma apropriação específica da questão ambiental muito próxima da reivindicação pelo exercício da cidadania e da pauta de reivindicação nacional da pesca artesanal. O debate promovido pelas pescadoras é um indício desta interpenetração dos saberes:

“**Irmã das Neves:** aquela que tá pescando com a malha fina, eu não considero como pescadora. Ela é uma criminosa! Tá matando as espécies de peixinho pequeno. Pq a gente temos uma meta pra pegar o peixe. Essa pessoa não pode ser considerada uma pescadora... essa pessoa deve ser considerada uma predadora. E é por isso que hoje eu tenho essa consciência. Pq eu também já fui criminosa, Natércia. Eu Tb já pesquei com a tarrafa da malha fina. E eu pegava os maiores e os menores, eu jogava fora. Dava pro cachorro, pro porco. Então eu era criminosa. Eu passei um monte de tempo sendo criminosa, mas eu não sabia que era ruim pro meio ambiente(...)enquanto eu desenhava o surubim (que é um peixe que tá em extinção), aí deu um estalo aqui na mente e eu peguei um papel e uma caneta e eu senti falta de música. Aí surgiu uma e a gente fez rapidinho e ensaiou, enquanto a gente fala da preservação” (Relatório do evento *Capacitação de lideranças da articulação das pescadoras de Pernambuco*, 2010, p. 13)

Decerto, não podemos negar que as pescadoras já dominavam categorias e competências que remetem àqueles conceitos da educação ambiental, no entanto, os saberes prévios apresentados pelas pescadoras não apontam inicialmente para nenhum tipo de mobilização social ou conjunto de ações individuais ou coletivas em torno da preservação do meio ambiente como um problema social. O meio ambiente é um problema pontual de alguma colônia ou associação e não devir a ser considerado por homens e mulheres do século XXI.

As visitas às colônias do sertão pernambucano foi importante para que as pescadoras articuladoras passassem a perceber coletivamente a educação ambiental como um arranjo passível de ser articulado com a pauta de

reivindicação maior da categoria. Talvez ai esteja à margem de elasticidade que impuseram a um tema inicialmente tomado isoladamente. A canção coletiva, *Preservando a vida*, das pescadoras Maria das Neves, Glorinha, Carminha e Ana Lúcia passou a ser cantada em todas as oficinas de educação ambiental. Ademais, as oficinas passaram a ser facilitadas com o apoio da Articuladora Maria da Neves. Irmã das Neves, como é conhecida entre as companheiras de categoria, vive e trabalha no município de Lagoa do Carro, sendo conhecida por sua forma de fazer política incisivamente ou dito como *homem*. Um bom exemplo desta alcunha foi a mobilização política realizada em São José da Coroa Grande pelas articuladoras em apoio à presidenta da colônia, a articuladora Enilde. Em um determinado momento do protesto um funcionário da prefeitura vituperou contra Maria das Neves: “mas rapai, vocês enfrentaram uma barra muito grande. Mas rapai, tu num devia ser um homem não?” ao que ela respondeu: “pra ser competente tem que ser macho? Não! Pra ser competente tem que ter coragem e ser um ser humano.” (*Relatório do evento do evento itinerante – Litoral Sul*, 2011, p. 30). Esta representação dos fazeres político *masculino* denota uma prática combativa e ao mesmo tempo centralizadora da pescadora Maria das Neves. A partir do momento em que a mesma abraça as oficinas de educação ambiental como um momento incisivo de sua atuação no decorrer das ações extensivas, a articuladora investe a prática cotidiana de preservação do meio ambiente dos valores políticos que atribui às questões centrais da categoria como: o direito a carteira de pesca, o seguro defeso, as políticas públicas para as mulheres, a aposentadoria especial, a saúde laboral, etc. Esta afirmação em pleno contexto de ação de pesquisa e extensão ganha força ou expressão de enunciação coletiva, sendo esta expressão um dos mais importantes impactos das primeiras sequências de oficinas itinerantes. Este movimento que articula ação política e meio ambiente é menos um indício de uma enunciação individual do que coletiva.

No Litoral Sul de Pernambuco as oficinas tenderam a se adaptar ao contexto diferenciado da região, embora os planejamentos e materiais didáticos tenham sido basicamente os mesmos. A articuladora Maria das Neves continuou conduzindo parte significativa da oficina de educação ambiental, enquanto a articuladora Natércia, de Brasília Teimosa, procurava dar alguma contribuição

remontando sua experiência com ações extensivas anteriores. Doravante, todas passam a dar alguma contribuição em relação ao debate como podemos observar nesta síntese publicada no relatório:

A irmã das Neves comentou que é membro do comitê de Bacias do Capibaribe e participou de um evento em LIMOEIRO e que em 2010 foram coletados 2 mil toneladas de lixo no Rio Capibaribe. TORITAMA também foi citada como exemplo de contaminação dos rios pelas lavanderias. Sobre o tema Miriam comentou que: “agente tem um problema muito grande de poluição em Itapissuma, a usina solta a calda no período das cheias no rio, e eu entro com tudo no rio. Não tem fechadura”.

A articuladora Natércia lembra do encontro que realizamos em Camaragibe ano passado pelo MPA onde se debateu a respeito das doenças das pescadoras e lembra o compromisso de se fazer uma cartilha sobre o tema de saúde da mulher, fala sobre a necessidade de terem acesso ao protetor solar e da criação de uma roupa melhor que as proteja da contaminação das águas.

Zefa completa as denúncias anteriores lembrando que faz 9 anos que elas, pescadoras, correm atrás disso, destacando que essa briga vem desde a 1ª Conferência da Pesca e alerta que o governo não as escuta. Convoca todas a lutarem, se organizarem, trabalharem, para que as questões relacionadas a saúde da mulher pescadora venha a se tornar uma normativa, um decreto ou portaria.

A Irmã das Neves chama a atenção sobre a necessidade de cada um/a cuidar do meio ambiente e Joana destaca que além de cada pessoa cuidar do meio ambiente é necessário que todos/as façam a nossa parte e orientem as outras pessoas que muitas vezes não cuidam por desconhecimento. Deu o exemplo sobre as tartarugas que se alimentam de “água viva”, e denunciou que “com essa poluição: os resíduos das sacolas plásticas vão matar as tartarugas”.

Dimas ainda explicou sobre a necessidade de se criar um COMITÊ do MEIO AMBIENTE e Ivan explicou sobre a possibilidade de se utilizar menos descartáveis. (Relatório do evento itinerante – Litoral Sul, 2011, p. 13).

Desta vez as oficinas realizadas no litoral sul mostraram para o grupo como a educação ambiental poderia se elemento de afirmação identitária da pesca artesanal no sentido de adquirirem visibilidade perante a sociedade e o governo. Representação afirmada pela articulação em torno da criação de um Comitê de Defesa do Meio Ambiente e da Cidadania em Porto de Galinhas e São José da Coroa Grande. A ideia inicial de organizar um comitê em Brasília Teimosa (Praia

do Pina) assim se expandia para Ipojuca (Porto de Galinhas) e São José da Coroa Grande, ambos, representando o litoral sul, enquanto o primeiro a região metropolitana do Recife.

Doravante, novos comitês poderiam ser criados de acordo com o interesse das demais colônias do Estado conforme novos encaminhamentos da Articulação. Apesar da criação dos comitês se encontrar vinculada à parceria entre as pescadoras e as Universidades, ao que parece à medida que os projetos venham a se encerrar o funcionamento dos comitês passariam a depender cada vez mais da atuação integrada das articuladoras com as colônias.

A visita à colônia de Barreiros foi um ponto de inflexão em torno da mobilização ambiental das articuladoras. As oficinas foram realizadas na casa de Genival, presidente da colônia, já que a sede da colônia foi destruída pelas enchentes que acometeram a cidade de Barreiros em meados de 2010. A devastação e a denúncia de epidemia de esquistossomose entre os pescadores e as pescadoras da região representaram fatores importantes para que as Articuladoras refletissem sobre a dimensão da questão ambiental no tempo presente e da organização dos comitês. Como nas demais colônias visitadas Barreiros sintetizou os principais problemas enfrentados pelas pescadoras pernambucanas: a ausência de saneamento básico e de políticas de reaproveitamento de resíduos da pesca e outros resíduos; a contaminação ambiental; a vulnerabilidade das mulheres pescadoras as doenças causada pelo meio ambiente contaminado; a pesca predatória como uma grande ameaça a sobrevivência dos pescadores e das pescadoras artesanais; e, finalmente, a urgência de uma atuação articulada da categoria em defesa do meio ambiente.

8. Conclusões ou considerações parciais

Os relatos aqui apresentados já nos permitem elaborar uma consideração parcial das vivências e das representações coletivas constituídas pelas articuladoras, colônias visitadas e equipe técnica da universidade em torno do meio ambiente. Primeiramente, ao decidirem no encontro de planejamento das oficinas que apenas algumas colônias deveriam receber ações de meio ambiente o grupo expressou

uma representação na qual a preservação ambiental se configura como um problema isolado de determinadas comunidades de pescadores e não como um desafio a ser enfrentado por toda categoria de pescadores(as) artesanais e pela própria Articulação. Esta representação só faz sentido coletivamente, tendo em vista que as vivências históricas das articuladoras Joana Mousinho e Maria das Neves permitiram que estas expressassem outra representação do meio ambiente como podemos observar na seguinte fala de Maria das Neves:

aí as companheiras tão dizendo aí: sou pescadora. Na minha cidade, os doutor chegaram lá, e aí eles enchia a barragem d'água. Aí nós ia pescar. Quando o peixe tava pouco, eles soltava. Aí o peixe morria tudinho, mas voltava pra plantar. Aí nós juntamos um grupo de homens e mulheres de coragem, juntamos pneu encima da estrada. Prendemos o cara da COMPESA e aí a gente segurou a água até hoje. E aí hoje a gente tá correndo o risco de novo, deles quererem a água pra eles – pro consumo das cidades – e aí empatar a gente de pescar. E aí lugar pra pobre, nesse mundo, tá difícil. Pobre tem que ficar tudo se amando de mãos dadas. Porque se não vai fazer que nem Didi, que dizia assim: numa festa, tinha que fazer um bolo pra cada pobre (comendo e explodindo... comendo e explodindo). Que a gente tem que se unir, buscar os nossos direitos, procurar o pessoal dessa cooperativa que sabe das coisas. Nosso presidente que tá se formando, fazendo faculdade, não pra se amostrar. É porque é bonito, porque é importante a gente abrir a mente, mesmo depois de fazer os quinze anos, num sei quantas vezes. (Risos) A gente lá na cidade dela, chegou o secretário e disse: mas rapai, vocês enfrentaram uma barra muito grande. Mas rapai, tu num devia ser um homem não? Olhei pra cara dele: “pra ser competente tem que ser macho? Não! Pra ser competente tem que ter coragem e ser um ser humano.” Mas não podia ser competente, tinha que ser homem. (*Relatório do evento do evento itinerante – Litoral Sul, 2011, p. 31*)

Aliás, os graves problemas ambientais e os projetos de extensão desenvolvidos em Brasília Teimosa corroboraram para que a articuladora Natércia também se mostrasse atenta à defesa do meio ambiente por ocasião do planejamento das oficinas. O discurso pontual destas pescadoras aponta para uma representação do meio ambiente como um problema social a ser enfrentado a partir de ações coordenadas da sociedade. Um problema da cidadania, uma *questão social*.

Em segundo lugar, o exercício extensivo das Articuladoras em parceria com a Universidade colaborou com uma mudança do eixo significante que norteia as práticas e as representações conjugadas pelo grupo em torno do meio ambiente. O meio ambiente torna-se para o grupo menos um problema local de alguns pescadores(as) do que um problema coletivo da categoria do(a) pescador(a) artesanal. Este agenciamento coletivo da representação de meio ambiente aparece muito próximo da luta social pela cidadania como podemos observar nesta passagem:

E Chico Mendes morreu não só porque preservava o meio ambiente. Porque os latifundiários, achando que ele também não podia ter uma vida digna, matou para que ele não conscientizasse mais pessoas de fazer isto – preservar o meio ambiente [...] E pedindo aí a vocês muitas orações para nós, porque não é brinquedo. Nó já se encontrou por aí a fora na luta com muitas dozes, muitos rifles, com muitos cacetes. Em Cabrobó, por exemplo, nós fomos barradas pela polícia, lá. Fomos defender os índios, porque o bojo passa num cano pra cidade e os índios passam sede, bebendo água suja, servindo de carropipa, aí nós juntou um grupo e fomos para lá. Tem um tal de Goró, da minha comunidade, Zefa conhece, que é muito valente, correu e se escondeu por baixo das coisas. Tá vendo? Então é por isso que estamos aqui. (*Relatório do evento do evento itinerante – Litoral Sul*, 2011, p. 24-25)

Ou mesmo neste trecho em que fazem referência ao código florestal:

Irmã das Neves, aquela reunião que tivemos no Recife e fomos ali na praça do diário que estava aquele movimento lá, de quê, pra gente dizer ‘não’ contra o código florestal. (*Relatório do evento do evento itinerante – Litoral Sul*, 2011, p 25-26)

Certamente ao urdir problema ambiental e cidadania as Articuladoras se aproximam das atuais concepções da reivindicação ambientalista e cidadã, pois, como afirma Mary Castro e Miriam Abramovay: “Não se pode perder de vista que os problemas ambientais não existem por si mesmos, desacompanhados da análise

das desigualdades e da iniquidade existente em nossa sociedade” (2005, p. 75). Esta representação construída coletivamente pelas pescadoras em parceria com a Universidade é formalizada pelo grupo quando na avaliação dos Eventos itinerantes do Litoral Sul decidem aplicar as oficinas de meio ambiente e políticas públicas em todas as colônias visitadas. Assim passam a rever suas práticas adequando-as ao conjunto de representações construídas dialogicamente ao longo das atividades do grupo.

Aqui tentamos analisar e considerar aquelas práticas e representações constituídas ao longo do projeto de extensão em parceria com a UFRPE. O conjunto de significações e ações em torno do meio ambiente poderia ser tomado como mera reprodução do discurso universitário. No entanto, os saberes prévios de pescadoras como Joana Mousinho e Maria das Neves foram fundamentais para que as demais articuladoras se apropriassem da problemática a partir de um quadro próprio a pesca artesanal. Sem cair num quadro essencialista que une mulheres e meio ambiente, as articuladoras assumem um papel pivotante de defesa do meio ambiente. Este protagonismo está marcado pela aptidão para liderança das articuladoras, pela crescente influência das pescadoras nas colônias, pela “perspectiva mais libertária, de igualitarismo e diversidade” (CASTRO e ABRAMOVAY, 2005, p. 86), pela parceria com os pescadores e com instituições governamentais ou não e pela defesa de um modelo desenvolvimento sustentável. Nestes aspectos a Articulação está muito próxima das ações de grupos de gênero e meio ambiente relatados por Castro e Abramovay, embora estas similitudes não esgotem as características próprias ao coletivo de pescadoras pernambucanas.

Estas experiências demonstram que as mulheres ocupam espaços de lideranças na pesca artesanal por uma (re)significação de atividades que sempre desempenharam, no entanto estas atividades tem sido historicamente invisibilizada a partir da divisão social do trabalho intensamente centrada no universo masculino, o que redundando em numa supervalorização reducionista do conjunto de atividades que envolvem a cadeia produtiva.

9. Bibliografia utilizada

ALMEIDA, M. P; MANESCHY, M. C. *No mar, nos rios e na fronteira; faces do campesinato no Pará*. 1 ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 47-82.

Mulher e participação política na Ilha do Bailique/AP: impasses e perspectivas.

In: *III Encontro Amazônico Sobre Mulher e Gênero*, 2008, Belém.

Mulher e Gênero: as faces da diversidade. Belém: GEPEN/UFPA, 2008. v. III. p. 92-92.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. 191 p.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. 208 p.

CASTRO, Mary e ABRAMOVAY, Miriam. *Gênero e meio ambiente*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/UNICEF, 2005.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2ª Ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.

_____. *Cartas à Guiné- Bissau*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Educação como prática da Liberdade*. 30ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO. In *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Acesso maio 2011, <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade. Trabalho, gênero e desemprego em Lagoa do Carro. In *Territórios 13*, Bogotá 2005, p.115-132.

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade. Gênero, moda e desenvolvimento social. In *Desenvolvimento Econômico, Territorial e Emprego*. Fortaleza 2005, Rede DETE-ALC, pp. 275-280

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade. (Org.). Extensão rural, extensão pesqueira: experiências cruzadas. 1ª. ed. Recife: FASA, 2008. v. 01. 208 p.

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade (org.). *Gênero e pesca: o papel da mulher no desenvolvimento local*. Recife: Editora FASA, 2008.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal do nordeste brasileiro. Congresso Feminista. Lisboa, 2008.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Políticas públicas de acesso à educação em área pesqueira: análise do programa pescando letras. Congresso Fazendo Gênero. Florianópolis, 2008. CD-Rom. Texto completo.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero e políticas públicas na pesca artesanal de Itapissuma. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes; TAUK SANTOS, Maria Salett; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes (Orgs.). *Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas*. Recife: FASA, 2009.

LEITÃO, Maria do Rosário Andrade (org.). 30 anos de registro geral da pesca para mulheres. Recife : Editora FASA, 2010.

RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria e AREND, Silvia Maria Fávero. *Diversidades: Dimensões de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2010.

VERAS, Dimas Brasileiro e MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964) In *Estudos Universitários*:

revista de cultura da Universidade Federal de Pernambuco. v. 24/25, n. 5/6.
Recife: UFPE, 2004/2009.